



COMO HOMENS NARRAM A PRESENÇA FEMININA NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Gustavo Andrada Bandeira¹
Fernando Seffner²

Resumo

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dão, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que atuam nesse espaço. Neste trabalho, apresentamos como homens narram essa participação. Utilizamos falas da imprensa esportiva, dirigentes, profissionais e torcedores sobre a presença de mulheres no estádio. É verificável que o número de mulheres, ocupando diferentes lugares, envolvidas com o futebol tem aumentado. Essa maior presença de mulheres nos estádios acaba colocando algumas representações naturalizadas sobre gênero em questão.

Palavras-chave: Gênero. Futebol. Representação.

Início de conversa

Os indivíduos que frequentam estádios são atravessados por diferentes narrativas sobre futebol e masculinidade em suas construções enquanto sujeitos torcedores. Os esportes modernos, seja em sua prática ou em sua fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento.

Esse conhecimento e essa legitimidade do lugar masculino nas práticas torcedoras nos estádios de futebol, do jornalismo esportivo e da atuação no futebol profissional lhes dão, também, a possibilidade de produzir representações sobre as mulheres que atuam nesse espaço. Para este trabalho, apresentamos como os homens fazem circular narrativas sobre as mulheres que atuam nos estádios de futebol.


Materiais com os quais jogamos

O futebol de espetáculo pode ser dividido em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados (DAMO, 2006). Além das falas de jornalistas, dirigentes e profissionais que buscamos em materiais

¹ Doutor em Educação, UFRGS, gustavoabandeira@yahoo.com.br

² Doutor em Educação, PPGEdU/UFRGS, fernandoseffner@gmail.com





midiáticos, para a realização desse trabalho, produzimos diálogos com pequenos grupos de torcedores, material que compôs o *corpus* empírico de uma tese de doutoramento³.

A aposta pelos diálogos, assim como pelos materiais produzidos pelos jornalistas com as falas de profissionais e dirigentes se deram a partir do entendimento que as narrativas produzidas por esses sujeitos permitiram acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas pelos diferentes atores e de que maneira as mulheres eram representadas desses diferentes lugares.

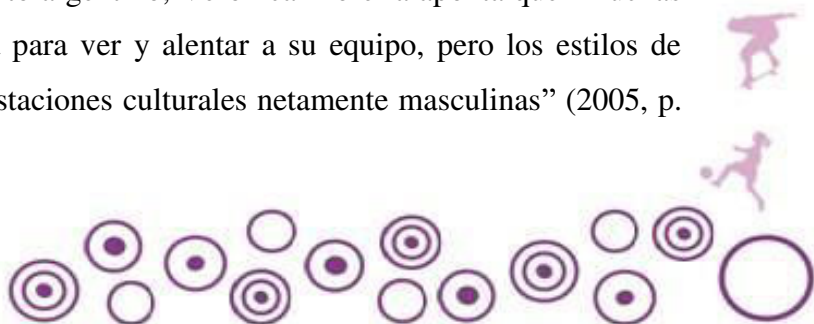
Entendimentos de gênero e esporte


Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas, “o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (2003, p. 48). Com isso, ser homem ou ser mulher é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’. O conceito de gênero, na perspectiva dos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e dos Estudos Culturais, aponta para quatro desdobramentos importantes (MEYER, 2003). O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. O segundo demonstra a diversidade de masculinidades e feminilidades variando em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura. A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. Esse binarismo ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência. A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade.

Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados a masculinidades. Eles podem ser lidos como uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura. A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições.

O público de futebol é predominantemente masculino. Entretanto, dentro do processo de modernização/elitização dos estádios existe certo investimento para que as mulheres passassem a frequentar mais esse espaço. Esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas. No contexto argentino, Verónica Moreira aponta que “muchas son las mujeres que asisten a la cancha para ver y alentar a su equipo, pero los estilos de participación se subordinan a las manifestaciones culturales netamente masculinas” (2005, p.

³ BANDEIRA, 2017.





99). Isso não significa constituir esse contexto cultural como exclusivamente masculino, mas sim, destacar a preponderância discursiva dessas disputas entre masculinidades na construção do que pode ser lido como um currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol (BANDEIRA, 2010).

Como os homens narram a presença feminina nos estádios de futebol

Os estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para homens. Esse cenário faz com que a participação das mulheres ainda seja tratada de forma um tanto caricata, com representações bastante fixas sobre o que seria a feminilidade. Em 2008, o Internacional jogou no dia 8 de março e realizou uma promoção que liberava as mulheres da compra de ingressos. No dia seguinte a partida os jornais destacaram a presença feminina na partida. Nesse contexto as mulheres foram descritas como perfumadas, civilizadas e silenciosas, características poucas vezes associadas aos torcedores de futebol. A presença de vinte e seis por cento de mulheres no estádio (uma para cada três homens) foi adjetivada como maciça (BANDEIRA, 2009, p. 93-94).

Situações que desvalorizam a participação de mulheres no futebol masculino podem ser identificadas nas falas de dirigentes de clubes. Após a árbitra assistente Fernanda Uliana marcar equivocadamente um impedimento, contra o Cruzeiro diante do rival Atlético durante o Brasileirão de 2014, o então dirigente da equipe prejudicada, Alexandre Mattos, afirmou: “se ela é bonitinha que vá posar na Playboy. Não tem preparo, os caras gritam e ela erra⁴”.

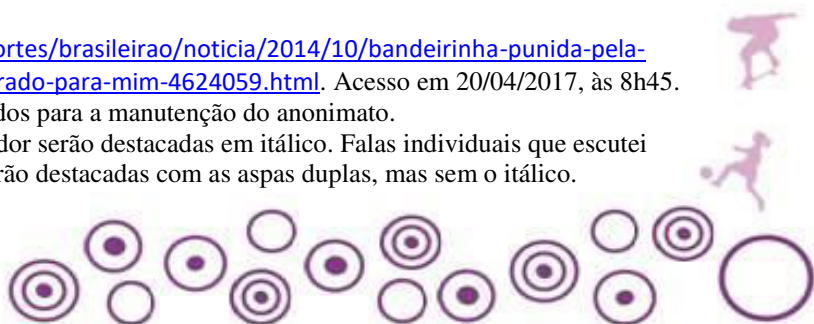
Alguns torcedores entendiam que a maior presença masculina nos estádios seria algo natural pela preferência deste grupo aos esportes. Tiago⁵ disse que ele e seu amigo Matías: “*convidamos as duas esposas e elas não quiseram vir*”⁶ (DC 15). Matías argumentou que o futebol seria um esporte “*mais ao agrado dos homens do que das mulheres, claro percentuais. Têm muitas mulheres que gostam*” (DC 15). Ao destacar o conhecimento de uma mulher sobre o esporte, Alan utilizou a comparação com os homens “*tem muita mulher aí que entende de futebol mais do que homens. Aquela guria da Band, a Renata Fan, ela dá um banho em muita gente*” (DC 13).


Outros torcedores conseguiam perceber a presença de um olhar machista nas interações dentro do estádio. Fábio, um torcedor de aproximadamente 50 anos, afirmou que

⁴ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/brasileirao/noticia/2014/10/bandeirinha-punida-pela-beleza-segue-de-castigo-o-erro-sera-menos-tolerado-para-mim-4624059.html>. Acesso em 20/04/2017, às 8h45.

⁵ Todos os nomes dos interlocutores foram alterados para a manutenção do anonimato.

⁶ As falas dos torcedores registradas com o gravador serão destacadas em itálico. Falas individuais que escutei durante as partidas ou nas demais observações serão destacadas com as aspas duplas, mas sem o itálico.





“uma menina passando de mini saia, a culpa de eu olhar para ela não é dela, a malícia que ocorrer sou eu que estou fazendo” (DC 9). Questionados se ainda seria possível pensar no estádio de futebol como um local machista. Arthur, irmão de Fábio, afirmou categoricamente que *“ainda tem, isso ainda é mais forte”* (DC 9). Fábio entendia que a mulher *“até já está superior. Eu me policio, mas tem horas que o cara solta um palavrão, mas a gente nota que a mulher que está ali por perto não está nem aí”* (DC 9). Essa é outra interpretação recorrente que acaba marcando no corpo uma expectativa de comportamentos diferenciados. A presença de mulheres, que segundo os jornalistas em 2008 acrescentaria perfume às arquibancadas, também poderia reduzir o número de palavrões proferidos. Wender, mesmo reconhecendo essa ampliação da presença de mulheres e, aparentemente, favorável a ela, acabou citando uma definição que interpretamos como bastante atravessada por discursos machistas, *“tem uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher (...), olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa”* (DC 35).


A percepção do aumento da presença das mulheres provoca uma associação direta dessa frequência com a diminuição do machismo no futebol. Jackson disse que hoje o machismo é bem menor no estádio, *“agora do nosso lado tem cinco mulheres e não era assim. No tempo que a gente ia no jogo era gritaria, palavrão o jogo inteiro”* (DC 11). Roger marcou que as mulheres estão participando, querendo olhar o jogo, *“tanto as mulheres solteiras quanto acompanhante do namorado”* (DC 33). Me parece interessante pensar se essas mesmas marcações poderiam ser feitas para os homens que frequentam o estádio.

Para além de jornalistas, dirigentes e torcedores, os profissionais do esporte também parecem possuir entendimentos bastante específicos sobre o gênero do futebol profissional mostrando o que seria ‘natural’ e o que poderia causar estranhamento. Em 2014, ao explicar uma discussão com o lateral Douglas, o então técnico do São Paulo, Muricy Ramalho justificou: *“Aqui é jogo de homem, aqui não tem lugar para menina⁷”*. O então treinador do Real Madrid, Carlo Ancelotti, ilustrava suas expectativas para a partida contra o rival Atlético de Madrid: *“O Atlético tem um estilo próprio, com muita intensidade. Mas assim é o futebol. É um jogo para homens, não moças⁸”*. Essas construções de masculinidades e feminilidades são produtivas no sentido de construir significados que se tornam inteligíveis e elegíveis. Para os atletas, é um imperativo não jogarem como meninas ou moças.

⁷ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/02/muricy-sobre-bate-boca-com-douglas-aqui-nao-tem-lugar-para-menina.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h34.

⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/09/ancelotti-da-o-tom-para-classico-de-sabado-e-um-jogo-para-homens.html>. Acesso em 24/05/2015, às 16h39.





No dia 18 de julho de 2017, após sua equipe vencer o Luverdense, pelo Campeonato Brasileiro da série B, o, então, treinador do Internacional, Guto Ferreira, respondeu à jornalista Kelly Costa, que perguntou se os erros dos atacantes do time aconteciam por problemas psicológicos ou técnicos. O treinador tinha como estratégia de resposta começar devolvendo uma pergunta aos jornalistas. Ele afirmou:

Desculpe, eu não vou te responder com uma pergunta porque você é mulher e talvez não tenha jogado [futebol], mas todo jogador que joga tem dificuldades de ter uma tensão a mais no lance final. Precisa acertar para ter confiança. Se você já jogou para perceber isso⁹.

Após uma enxurrada de críticas pelas redes sociais e de diversos colegas da jornalista, o, então, treinador do Internacional procurou diferentes meios de comunicação para desculpar-se.

Rápidos apontamentos

A legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que suas práticas apareçam fora de questionamento. O saber aprendido passa por repetidos exercícios de naturalização fazendo com que esses aprendizados sejam tomados como dados e associados a todos os homens que ocupam esse espaço.

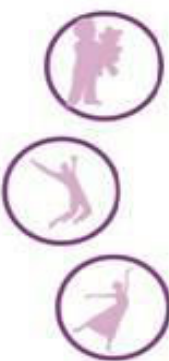
Os conhecimentos femininos no futebol são marcados e hierarquizados na comparação com os homens. As mulheres que entendem de futebol, entendem tanto quanto eles ou ao menos quase tanto. Tomando a construção das masculinidades e feminilidades como complementares e não como polos opostos, uma maior legitimação da participação das mulheres poderia desestabilizar esse lugar naturalizado dos homens no futebol. Talvez essa possa ser uma chave explicativa para essas manifestações ainda bastante atravessadas pelo machismo e por representações bastante fixas e tradicionais sobre mulheres, feminilidades e esporte. Esse é um jogo que parece estar ainda em seu começo, mas parece que é bastante visível que elas virão jogá-lo! Quem será capaz de imaginar que as mulheres não tomarão para si a possibilidade de produzir discursos e representações sobre sua participação no contexto futebolístico?

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 342 f. Tese (Doutorado em

⁹ Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/guto-ferreira-machista-ao-responder-reporter-apos-jogo-do-inter-mas-depois-se-desculpa-21605957.html>. Acesso em 11/02/2018, às 13h51.





Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. In: **Revista Brasileira de Educação**. V. 15, n. 44, maio/ago. 2010, p. 342-352.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Org.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006. p.39-72.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 9-27.

MOREIRA, Verónica. “El Rojo y Newell’s Old Boys, un sólo corazón”. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidade entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. p. 91-101.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

